

EROTISMO E MORTE: EXPERIÊNCIA MÍSTICA E TRANSGRESSÃO EM A HISTÓRIA DO OLHO DE GEORGES BATAILLE

Leonardo Monteiro de VASCONCELOS
Universidade Federal da Paraíba
leonardomonteiro@outlook.com
Bruno Rafael de Lima VIEIRA
Universidade Federal da Paraíba
bruno_rlv@hotmail.com

Resumo: Através de uma linguagem direta e clara, Georges Bataille escreve História do Olho na qual o narrador, em primeira pessoa, relata suas aventuras eróticas com sua parceira, Simone. Negando o belo e transgredindo as concepções morais que regem a sociedade da década vinte do século XX, o leitor depara-se com um repugnante espetáculo na qual uma relação amorosa se baseia em um olho desfigurado e onde o gozo só é alcançado através de manobras extremas. Os personagens voluntária ou forçadamente se submetem as experiências eróticas colocando em extremos os seus limites corporais no limítrofe da morte. Baseado nesse contexto, o nosso presente trabalho pretende suscitar uma discussão acerca do erotismo pensado na filosofia de Bataille (2003) e como amor e morte estão engendrados na obra literária supracitada. Acreditamos que, se é na morte que o sentido do erotismo se encontra (BATAILLE, 2013), poderíamos afirmar que o ato que culmina a experiência erótica é indizível, assim como é a experiência mística (PAZ, 1994); é estar fora de si e é reconciliar-se com a natureza, é nessa natureza contraditória que toda a história de amor, por mais feliz que seja, seria trágico. Considerando essa premissa, pretendemos abordar a relação entre erotismo e morte e como essa experiência mística e transgressora tem um viés trágico, uma pulsão de morte.

Palavras-chave: transgressão; erotismo; George Bataille

Joseph Campbell em uma entrevista que original o livro “*The Power of Myth*” (1991) diz que a humanidade começou quando Eva aceitou comer a maçã do conhecimento. A partir dali a humanidade começou a existir, conhecemos a dualidade: morte e vida, conhecemos a sexualidade, conhecemos o sofrimento. Daquele momento em diante, pelo olhar da religião, o corpo se tornou sujo.

O corpo humano, então, se tornou precível, deprimente. Do nosso corpo não restará nada, então seria iminente ao ser humano procurar um meio de preservá-lo, buscar uma continuidade em seu desespero pela sua descontinuidade leva o ser humano a ser imortal. O corpo é a causa única da nossa imortalidade. Afinal, se não envelhecêssemos fisicamente seríamos possivelmente imortais, mas não a carne não agüenta.

Se pensarmos de forma análoga é como os alimentos que vemos nos supermercados e tem um prazo de validade, depois desse prazo nos decompomos. O meio pelo qual buscamos uma imortalidade, ou ainda que burlar essa morte, que é a única coisa que temos certeza, é a procriação, procriação essa através do sexo, que Bataille (2013) diz que será pulsão de morte.

Afinal para que serve o sexo? O sexo pode ser visto por duas óticas, apenas para a procriação, e por outro lado para o prazer. Se respondermos e acreditarmos na primeira ótica, nós levamos outra pergunta: pra quê procriar? Afinal, o que buscamos com isso, o que queremos com isso? Bataille responde que a reprodução se justifica pela busca de uma espécie de imortalidade, uma busca por sermos mais do que somos, para ludibriar até mesmo a morte sendo continuo em nossa descontinuidade. Porém, o sexo, e a morte ainda são considerados tabus.

Bataille nasceu na França no ano de 1897, e morreu em 1962, com sessenta e cinco anos. Era filho de um pai que não tinha religião, e uma mãe crente, foi católico tendo frequentado durante alguns anos um seminário, e depois o abandonou.

Foi leitor de Nietzsche onde tomou como fonte para um pensamento de uma dimensão que via na liberdade um caminho para a quebra das amarras sociais que o homem, e permitia assim um caminho para a experimentação.

Em uma viagem para a Espanha ele tem contato com o tauromáquia, ou seja, as touradas. Bataille fica fascinado pelo que ver, e diz que pode chegar à profundidade humana pela tortura, já que aparentemente o homem ama a tortura, sente prazer em ver o outro sofrer.

Bataille em dizer que a tortura desnuda o ser humano e conseguimos penetrar na mente, e nos locais mais abissais do seres. A tauromáquia vai ser um dos eixos para o entendimento do erotismo em Bataille.

Depois que retorna de sua viagem da Espanha, o autor escreve na França, a “História do Olho” em 1928, onde teve como inspiração o psicanalista Adrien Borel que segundo Strozzi (2007) postou-se no papel de suas fantasias e obsessões de infância, e a análise para Bataille foi “de si para si”, ainda segundo Strozzi, o erotismo serviu como “uma rebelião contra as normas”.

Segundo SUYRA apud Strozzi (1992) diz que o pensamento de Bataille:

Transgride e transcende a sua própria vida pessoal e se converte em pensamento impessoal desnudando-se no anonimato da dor, do riso, do desejo, do corpo, e da escrita. Sua obra é uma confissão e meditação universal e sua própria pessoa é o sujeito desta meditação.

Durante os anos em que escreveu suas obras o fez de forma constante, passeou por vários meios literários, dos trabalhos acadêmicos à poesia. Teve ainda dois pseudônimos: Lourd Auch, que utiliza para “História do olho”, e Pierre Angélique, que utiliza em um romance posterior. Bataille parece jogar na sociedade tudo que há podre nela. Ele expõe o que todos tentam esconder atrás de véus, especialmente da religião

Strozzi diz que Nietzsche e Sade vêm a ser a maior influência de Bataille e serão essenciais na busca de uma teoria da transgressão buscando nesses autores uma teoria da resignificação da moral e da violência, na forma da busca pelo absoluto e o excesso.

Inserido nesse contexto, em a *História do Olho*, novela publicada pela primeira vez em 1928, os leitores tem acesso a história da vida sexual do narrador, do qual não sabemos o seu nome, e Simone. Narrado em primeira pessoa, temos um narrador autodiegético, ou seja, que relata suas próprias experiências e o acesso acerca do enredo da história é do ponto de vista do narrador. Utilizando uma linguagem direta e desprovida de qualquer pudor a *História do Olho* tem como tema norteador a transgressão na qual o erotismo se mostra de uma violência extrema que pode ser comparada ao ato sacrificial.

No primeiro capítulo, o narrador se apresenta ao leitor. “Angustiado pelas coisas do sexo” (BATAILLE. 2013. p.23) ele conhece Simone numa praia X. Após três dias do primeiro encontro, já na casa de Simone, o narrador percebe que ambos tinham a mesma angústia relacionada ao sexo. “Suas meias de seda preta subiam acima do joelho. Eu ainda não tinha conseguido vê-la até o cú (esse nome que eu empregava com Simone era pra mim o mais belo entre os nomes do sexo). Imagina apenas que, levantando o avental contemplaria sua bunda pelada. (BATAILLE. 2013. p.23)

É a partir dessa imagem que uma relação intensa se alicerça. Foi num prato de leite ao gato que Simone mergulhou a bunda. Dessa maneira que “começou entre nós [o narrador e Simone] uma relação tão íntima e tão urgente. (BATAILLE. 2013. p.24). Envoltos em fantasias sexuais sem nenhum freio moral, os personagens principais praticam o impensável. Em toda a narrativa, as práticas sexuais são perversas e não saciam nem o narrador e nem Simone. O narrador compara a relação entre ele e Simone com “o horror e o desespero que exalam de uma carne morta” (BATAILLE. 2013. p.25)

Tanto em seu sentido literal quanto no metafórico o olho, já anunciado no título do livro, evoca um sistema imagético que será referido como centro da narrativa. Este olho, que além de ser um órgão do corpo humano, transforma-se num prato de leite do gato, no olho do cú, nos testículos, no sol.

Assim, envoltos nessa atmosfera selvagem e fantástica, outros personagens são apresentados ao leitor e adentram voluntária ou forçadamente no mundo orgiástico do narrador e de Simone.

[...] Os passos recomeçaram, quase uma corrdia, e vi surgir uma menina encantadora, Marcela, a mais pura e terna de nossas amigas. Estávamos os dois rígidos [Simone e o narrador] que não podíamos mover nem um dedo, e foi nossa infeliz amiga que de repente caiu na grama soluçando. Só então, já desgarrados um do outro, é nos lançamos sobre aquele corpo abandonado. (BATAILLE. 2013. p.26)

No fragmento acima, podemos perceber que a união do casal protagonista aspira um desejo ardente tão forte e consubstancia um desejo de matar ou suicidar tão forte que a inclusão de outras pessoas nessas práticas sexuais se faz da forma do próprio ato sexual.

Simone havia encontrado uma poça de lama e chafurdava nela: masturbava-se com a terra e gozava, açoitada pelo aguaceiro, minha cabeça espremida entre suas pernas enlameadas, o rosto mergulhado na poça onde ela esfregava o cu de Marcela, a quem abraçava por trás, a mão puxando as coxas e abrindo-as com força (BATAILLE. 2013. p.27).

Paz (1994) acredita que esse desejo de posse é trágico. São nessas práticas transgressórias que encontramos a experiência mística vivida por esses dois personagens. Essa atração carnal apresenta uma ruptura e/ou violação da ordem social que “é uma paixão que, ao unir os amantes, os separa da sociedade” (p.103). É muito significativo perceber a ruptura feita da sociedade, visto que Simone e o narrador em suas práticas sexuais estão suspensos em uma áurea mística. Os elementos da natureza, como tempestades, calor intenso, por exemplo funcionam como um abandono do mundo real.

Uma vez exposta a essa experiência orgiástica e não lidando com essas transgressões dos interditos, Marcela sucumbe e será internada em uma casa de saúde.

A infeliz Marcela mijava dentro do armário enquanto gozava. [...] No entanto, logo depois se ouviu a triste Marcela soluçar sozinha e cada vez mais forte naquele urinol improvisado que servia agora de prisão. [...] Marcela, ainda

nua, não parava de gesticular, traduzindo em gritos um sofrimento moral e pavor impossíveis; nós a vimos morder a mãe ((BATAILLE. 2013. p. 32-33)

A filosofia batailliana (2013) acredita que o erotismo é ordenado para ir além dos limites do erotismo, ou sejam é escapar do poder do interdito. Na citação referenciada, Marcela se expõe totalmente a esse poder de transgressão que sucumbe quando ela está prescrita numa sociedade cheia de interditos.

Obcecados em Marcela, “imaginando puerilmente seu enforcamento voluntário” (BATAILLE. 2013. p.39), Simone e o Narrador decidem ir a casa de saúde onde Marcela estava internada. A casa de saúde era isolada num penhasco. De fato, essas tentativas de resgate aticava a imaginação do narrador. Para ele a urina estava ligada ao sexo e a Marcela, pois, “ Marcela jamais gozava sem se inundar, não de sangue, mas de urina clara e, aos meus olhos, até luminosos (BATAILLE. 2013. p.45), ou “ a urina para mim está associada ao salitre e ao relâmpago, ou ainda “jato de urina”. É importante observar que a linguagem utilizada não somente nos exemplos aqui referendados, mas em toda a obra apresenta um papel preponderante na criação da narrativa. É através da linguagem que a temática da obra se desvela diante do leitor. Roland Barthes (2013) descreve a função metafórica e metonímica da função do olho e da liquefação aqui estudada. Contudo, parecemos esquecer que a sinestesia¹ apresenta uma construção basilar na narrativa de Georges Bataille.

De acordo com o *Glossary of Literary Forms*(2009), sinestesia é “um termo aplicado a descrição de um modo de sensação, em termos de outro” (p. 362-363. Tradução nossa), por exemplo “jato de urina” e “A carícia do olho sobre a pele é de uma uma doçura extrema...com algo horrível como o grito do galo” (Bataille. 2013. p. 80). Essas construções mostram diretamente como a experiência erótica é transmitida ao leitor nessas formas. Ademais, Roland Barthes (2013) ao escrever *A Metáfora do Olho* relata que a novela aqui referida é “essencialmente uma composição metafórica e metonímica” (p.116) Ora, o olho em todos os sentidos dos termos são citados em suas formas flexionais. “Assim em seu percurso metafórico, o olho persiste e varia ao mesmo tempo: em sua forma capital subsiste através do movimento de uma nomenclatura, como a de um espaço topológico; pois aqui, cada flexão é um nome novo, de acepções novas” (BARTHES. 2013. p. 117)

Considerando esses aspectos, acreditamos que *A História do Olho* não é uma obra profunda, tudo é dito e mostrado no plano da superficialidade. A metáfora do olho é o elemento linguístico principal na novela, mas nos permitindo uma leitura além desta que seja metafórica/metonímica, acreditamos que a sinestesia opera como conector das experiências sensoriais com que nos rementem ao mundo exterior (cf. McNary. 2011), ou seja, não é somente a temática que é transgressora, mas também há uma transgressão técnica na forma do tratamento dado a língua.

Após o resgate de Marcela, esta enforca-se ao rever o armário em que ela havia se masturbado e que este fora uma das causas de levarem-na a internação em uma casa de saúde.

Que Simone tenha mijado em cima dela por tédio, por excitação, mostra até que ponto estávamos fechados à compreensão da morte. Simone estava furiosa, angustiada, mas não demonstrava respeito por nada. Marcela pertencia-nos a tal ponto, em nosso isolamento, que não a víamos como uma morta qualquer. Os impulsos antagônicos que se apossaram de nós naquele

¹¹ Sobre a sinestesia e transgressão em *a História do Olho*, é importante ler McNARY, Brenda. Synaesthesia and Transgression in Story of the Eye. In.: Critical Theory and Social Justice Journal of Undergraduate Research Occidental College. Vol. 2. Issue 1. 2011. Disponível em <<http://scholar.oxy.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1026&context=ctsj>>

dia se neutralizavam, deixando-nos cegos. Afastavam-nos para longe, para um mundo em que os gestos não têm alcance, como vozes num espaço que não é sonoro (BATAILLE. 2013. p. 60)

Depois desse episódio, a narrativa encaminha-se para seu desfecho. Simone totalmente mudada após a morte de Marcela “vivia num outro mundo” (p.61), segundo o Narrador. Eles fogem para a Espanha onde, Marcela, iria encontrar-se com *Sir* Edmond, um milionário Inglês que estava disposto a raptá-la e sustenta-la. Agora os três reunidos, *Sir* Edmond, Simone e o narrador, encontramos dois episódios emblemáticos. O primeiro episódio está relacionado com os testículos do touro. Os testículos do primeiro touro morto numa tourada ‘poderiam ser servidos grelhados aqueles que sentavam na primeira fila. Simone demonstrou um interesse muito grande nessa história e exigiu que os colhões fossem servidos crus. Nesse momento, vemos os elementos do olho representados pelo sol e testículos do touro. Outra característica importante a ser mencionada é atmosfera sufocante e a suspensão do que estava acontecendo diante dos olhos da Simone.

Com o passar do tempo, a radiação solar nos absorveu numa realidade paralela ao nosso mal-estar, ao nosso desejo impotente de explodir, de estar nus [...]. Aquilo que se seguiu aconteceu sem transição e, aparentemente, sem qualquer conexão, o que não significa que as coisas não estivessem ligadas – mas eu a acompanhei como um ausente. Em poucos instantes, estarrecido, vi Simone morder um dos colhões, Granero avançar e apresentar ao touro a capa vermelha; depois Simone, com o sangue subindo à cabeça, num momento de densa obscenidade, desnudar a vulva onde entrou o outro colhão. (BATAILLE. p. 68).

Em uma de suas últimas aventuras, numa Igreja, Simone se masturbava para um padre e depois manteve relações sexuais com o mesmo forçadamente, um estupro. No altar, estrangulando o padre, caracterizando como uma asfixia erótica. Durante essa prática, a falta de oxigênio durante o estrangulamento pode potencializar o orgasmo, mas é uma prática perigosa que pode causar morte. Não preocupados de como esse episódio iria acabar, Simone mata o padre no auge do seu prazer e esta pede que *Sir* Edmond arrance o olhos do padre e este entregue ao padre.

Por fim, Simone se afastou de mim, tirou o olho das mãos do *Sir* Edmond e o introduziu na boceta. Puxou-me nesse momento para junto dela, beijou o interior de minha boca com tanto ardor que tive um orgasmo: minha porra espirrou em seus pentelhos.

Levantando-me, afastei as coxas de Simone: ela jazia no chão, de lado; encontrei-me então diante daquilo que – imagino- eu sempre esperara: assim como a guilhotina que espera a cabeça que vai decepar. Meus olhos pareciam estacados de tanto horror; vi, na vulva peluda de Simone, o olho azul-pálido de Marcela a me olhar, chorando lágrimas de urina. Rastros de porra no pelo fumegante conferiam a esse espetáculo um aspecto de dolorosa tristeza. Mantive afastadas as coxas de Simone: a urina ardente escorria por baixo do olho, sobre a coxa estendida no chão... (BATAILLE. 2013. p. 81).

No capítulo chamado *Em planos para uma continuação de História do Olho*, encontramos um final bastante verossímil para Simone: a sua morte. Indo parar num campo de torturas, Simone morre sendo torturada como quem faz amor.

Num curto epílogo localizado ao inal da novela, o autor examina suas lembranças e as conexões que estas tem com a história narrada. Em um capítulo chamado *Reminiscências* percebemos

uma ligação entre a escrita e a vida de Georges Bataille, embora tenhamos uma conexão explícita entre a vida do autor e a obra narrada não pretendemos adentrar nesse capítulo da obra.

Ao analisarmos a *História do Olho*, percebemos que o conhecimento do erotismo é uma experiência de interdição e transgressão, o interdito não é necessariamente uma abstenção, mas sim uma prática em forma de transgressão. É na descontinuidade dos seres que através do erotismo atinge o seu aspecto sagrado. Se o mundo dos interditos é o profano, o mundo das transgressões é o do sagrado. É nessa esfera do sagrado que é negada a descontinuidade e é onde se experiência o misticismo proporcionado por esse erotismo.

Referência Bibliográfica

BARTHES, Roland. A metáfora do Olho. In.: *História do Olho*. Trad. Eliane Robert Moraes. São Paulo, Cosac Naify, 2013.

BATAILLE, Georges. *História do Olho*. Trad. Eliane Robert Moraes. São Paulo, Cosac Naify, 2013.

_____. *O Erotismo*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

McNARY, Brenda. Synaesthesia and Transgression in Story of the Eye. In.: *Critical Theory and Social Justice Journal of Undergraduate Research Occidental College*. Vol. 2. Issue 1. 2011. Disponível em <

<http://scholar.oxy.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1026&context=ctsjs>>

NUNES, Tiago Ribeiro; RIVERA, Tânia. *Visões da Carne Infinita*. Disponível. s/d. Disponível em < <http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-iii/artigos/1-visoes-da-carne-infinita.pdf> > Acesso em 25/09/2013.

PAZ, Octavio. *A Dupla Chama: Amor e Erotismo*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994